

# LER COM A BIBLIOTECA

POEMAS DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN (Tema da guerra)



<p><b>A paz sem vencedor e sem vencidos</b> Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos A paz sem vencedor e sem vencidos Que o tempo que nos deste seja um novo Recomeço de esperança e de justiça. Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos</p> <p>A paz sem vencedor e sem vencidos</p> <p>Erguei o nosso ser à transparência Para podermos ter melhor a vida Para entendermos vosso mandamento Para que venha a nós o vosso reino Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos</p> <p>A paz sem vencedor e sem vencidos</p> <p>Fazei Senhor que a paz seja de todos Dai-nos a paz que nasce da verdade Dai-nos a paz que nasce da justiça Dai-nos a paz chamada liberdade Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos</p> <p>A paz sem vencedor e sem vencidos</p>	<p><b>Estranha noite</b> Estranha noite velada, Sem estrelas e sem lua, Em cuja bruma recua Fantasma de si mesma cada imagem.</p> <p>Jaz em ruínas a paisagem, A dissolução habita cada linha. Enorme, lenta e vaga A noite ferozmente apaga Tudo quanto eu era e quanto eu tinha.</p> <p>E mais silenciosa do que um lago, Sobre a agonia desse mundo vago, A morte dança E em seu redor tudo recua Sem força e sem esperança.</p> <p>Tudo o que era certo se dissolve; O mar e a praia tudo se resolve Na mesma solidão eterna e nua.</p>
<p><b>Guerra ou Lisboa 72</b> Partiu vivo jovem forte Voltou bem grave e calado Com morte no passaporte Sua morte nos jornais Surgiu em letra pequena É preciso que o país Tenha a consciência serena</p>	<p><b>Horizonte vazio</b> Horizonte vazio em que nada resta Dessa fabulosa festa Que um dia te iluminou.</p> <p>As tuas linhas outrora foram fundas e vastas, Mas hoje estão vazias e gastas E foi o meu desejo que as gastou.</p> <p>Era do pinhal verde que descia A noite bailando em silenciosos passos, E naquele pedaço de mar ao longe ardia O chamamento infinito dos espaços.</p> <p>Nos areais cantava a claridade, E cada pinheiro continha No irreprimível subir da sua linha A explicação de toda a heroicidade.</p> <p>Horizonte vazio, esqueleto do meu sonho, Árvore morta sem fruto, Em teu redor deponho A solidão, o caos e o luto.</p>
<p><b>O soldado morto</b> Os infinitos céus fitam seu rosto Absoluto e cego E a brisa agora beija a sua boca Que nunca mais há-de beijar ninguém.</p>	<p><b>Os mortos de Hecate</b> Ao nosso lado os mortos em surdina Bebem a exalação da nossa vida. São a sombra seguindo os nossos gestos, Sinto-os passar quando leves vêm Alta noite buscar os nossos restos.</p>

<p>Tem as duas mãos côncavas ainda De possessão, de impulso, de promessa. Dos seus ombros desprende-se uma espera Que dividida na tarde se dispersa.</p> <p>E a luz, as horas, as colinas São como pranto em torno do seu rosto Porque ele foi jogado e foi perdido E no céu passam aves repentinas.</p>	<p>Passam nos quartos onde nos deixamos, Envolvem-se nos gestos que traçamos, Repetem as palavras que dissemos, E debruçados sobre o nosso sono Bebem como um leite o nosso sonho.</p> <p>Intangíveis, sem peso e sem contorno Ressurgem no sabor vivo do sangue. Sorriem às imagens que vivemos E choram por nós quando não as vemos, Porque já sabem para aonde vamos.</p>
<p><b><i>Nos últimos terraços dos espaços</i></b> Nos últimos terraços dos espaços Sobre os ventos imóveis e calados Dorme.</p> <p>Nem a Primavera derramada Nem o terror e o caos que a terra gera Nem a sombra vermelha dos corpos mutilados Atravessam As barreiras de silêncio que o separam.</p> <p>Tem o rosto voltado ao infinito Um rosto perfeito de traços imutáveis. Nem frio, nem calor, nem ar, nem água O alimentam.</p> <p>Respiram unicamente o seu segredo O seu segredo secreto para sempre</p> <p>E duas fontes correm dos seus olhos fechados.</p>	<p><b><i>Assassinato de Simonetta Vespucci</i></b> Homens No perfil agudo dos quartos Nos ângulos mortais da sombra com a luz.</p> <p>Vê como as espadas nascem evidentes Sem que ninguém as erguesse — de repente.</p> <p>Vê como os gestos se esculpem Em geometrias exactas do destino.</p> <p>Vê como os homens se tornam animais E como os animais se tornam anjos E um só irrompe e faz um lírio de si mesmo.</p> <p>Vê como pairam longamente os olhos Cheios de liquidez, cheios de mágoa De uma mulher nos seus cabelos estrangulada.</p> <p>E todo o quarto jaz abandonado Cheio de horror e cheio de desordem. E as portas ficam abertas, Abertas para os caminhos Por onde os homens fogem, No silêncio agudo dos espaços, Nos ângulos mortais da sombra com a luz.</p>
<p><b><i>Carta aos amigos mortos</i></b> Eis que morrestes — agora já não bate O vosso coração cujo bater Dava ritmo e esperança ao meu viver Agora estais perdidos para mim — O olhar não atravessa esta distância — Nem irei procurar-vos pois não sou Orpheu tendo escolhido para mim Estar presente aqui onde estou viva Eu vos desejo a paz nesse caminho Fora do mundo que respiro e vejo Porém aqui eu escolhi viver Nada me resta senão olhar de frente Neste país de dor e incerteza Aqui eu escolhi permanecer Onde a visão é dura e mais difícil</p> <p>Aqui me resta apenas fazer frente Ao rosto sujo de ódio e de injustiça A lucidez me serve para ver</p>	<p><b><i>Aquele que partiu</i></b> Aquele que partiu Precedendo os próprios passos como um jovem morto Deixou-nos a esperança.</p> <p>Ele não ficou para connosco Destruir com amargas mãos seu próprio rosto. Intacta é a sua ausência Como a estátua de um deus Poupada pelos invasores de uma cidade em ruínas. Ele não ficou para assistir À morte da verdade e à vitória do tempo.</p> <p>Que ao longe Na mais longínqua praia Onde só haja espuma sal e vento Ele se perca tendo-se cumprido Segundo a lei do seu próprio pensamento.</p>

<p>A cidade a cair muro por muro E as faces a morrerem uma a uma E a morte que me corta ela me ensina Que o sinal do homem não é uma coluna</p> <p>E eu vos peço por este amor cortado Que vos lembreis de mim lá onde o amor Já não pode morrer nem ser quebrado Que o vosso coração que já não bate O tempo denso de sangue e de saudade Mas vive a perfeição da claridade Se compadeça de mim e de meu pranto Se compadeça de mim e de meu canto</p>	<p>E que ninguém repita o seu nome proibido.</p>
<p><b>Data</b></p> <p>Tempo de solidão e de incerteza Tempo de medo e tempo de traição Tempo de injustiça e de vileza Tempo de negação</p> <p>Tempo de covardia e tempo de ira Tempo de mascarada e de mentira Tempo que mata quem o denuncia Tempo de escravidão</p> <p>Tempo dos coniventes sem cadastro Tempo de silêncio e de mordação Tempo onde o sangue não tem rastro Tempo de ameaça</p>	<p><b>Túmulo de Lorca</b></p> <p>Em ti choramos os outros mortos todos Os que foram fuzilados em vigílias sem data Os que se perdem sem nome na sombra das cadeias Tão ignorados que nem sequer podemos Perguntar por eles imaginar seu rosto Choramos sem consolação aqueles que sucumbem Entre os cornos da raiva sob o peso da força</p> <p>Não podemos aceitar. O teu sangue não seca Não repousamos em paz na tua morte A hora da tua morte continua próxima e veemente E a terra onde abriram a tua sepultura É semelhante à ferida que não fecha</p> <p>O teu sangue não encontrou nem foz nem saída De Norte a Sul de Leste a Oeste Estamos vivendo afogados no teu sangue A lisa cal de cada muro branco Escreve que tu foste assassinado</p> <p>Não podemos aceitar. O processo não cessa Pois nem tu foste poupado à patada da besta A noite não pode beber nossa tristeza E por mais que te escondam não ficas sepultado</p>
<p><b>Não te esqueças nunca</b></p> <p>Não te esqueças nunca de Thasos nem de Egina O pinhal a coluna a veemência divina O templo o teatro o rolar de uma pinha O ar cheirava a mel e a pedra a resina Na estátua morava tua nudez marinha Sob o sol azul e a veemência divina</p> <p>Não esqueças nunca Treblinka e Hiroshima O horror o terror a suprema ignomínia</p>	<p><b>Com fúria e raiva</b></p> <p>Com fúria e raiva acuso o demagogo E o seu capitalismo das palavras</p> <p>Pois é preciso saber que a palavra é sagrada Que de longe muito longe um povo a trouxe E nela pôs sua alma confiada</p> <p>De longe muito longe desde o início O homem soube de si pela palavra E nomeou a pedra a flor a água E tudo emergiu porque ele disse</p> <p>Com fúria e raiva acuso o demagogo Que se promove à sombra da palavra E da palavra faz poder e jogo E transforma as palavras em moeda Como se fez com o trigo e com a terra</p>